

Agentes de confiança num clima de instabilidade

O percurso profissional de Manuel Pires de Matos e de Luís Pinheiro Torres – partners do escritório do Porto da Baker Tilly – esteve ligado, durante muitos anos, a empresas internacionais de auditoria, antes de ambos terem optado, “numa época de reconversão e alteração societária que aconteceu numa dessas grandes empresas” por enveredar por uma “prática independente durante dez anos”. Foi nesse âmbito que fundaram, em 2003, a Pires de Matos & Pinheiro Torres, SROC, com sede no Porto.

“Crescemos o que podíamos crescer, mas depois houve uma altura em que sentimos a necessidade de nos integrarmos numa organização mundial”, recorda Luís Pinheiro Torres. “Sentimos que os nossos clientes queriam mais serviço, mais acompanhamento – não só em termos geográficos, mas também na amplitude das competências disponíveis – e, de entre as mais destacadas empresas internacionais de auditoria com que fomos falando, a Baker Tilly foi claramente o projecto mais desafiante”, acrescenta Manuel Pires de Matos, quando questionado sobre os aspetos que, há cerca de dois anos, levaram à integração da sua sociedade de revisores oficiais de contas naquela que é uma das empresas de auditoria e consultoria mais prestigiadas e dinâmicas a nível global.

Acima de tudo, este foi um passo que Manuel Pires de Matos e Luís Pinheiro Torres assumiram em nome dos seus clientes. “Era importante porque muitas dos nossos clientes têm operações internacionais e pretendem um acompanhamento global”, considera Luís Pinheiro Torres. O nosso interlocutor reconhece que a fusão permitiu à equipa estar hoje “mais forte e preparada para os novos desafios”, entre os quais se destacam, por exemplo, “todas as reformas que tem havido na



Manuel Pires de Matos e Luís Pinheiro Torres

auditoria e que nos obrigam também a mudanças”.

Um panorama instável

Até porque, acima de tudo, a palavra “instabilidade” surge imensas vezes quando se solicita aos nossos interlocutores uma leitura, quer do estado do setor, quer da situação económica e fiscal do país. Relativamente ao Novo Estatuto da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, por exemplo, Luís Pinheiro Torres lamenta aquilo que encara como uma ação “feita ao arrepio dos revisores” que “acabaram por não participar na elaboração deste estatuto”. Manuel Pires de Matos complementa: “havia, de facto, uma evolução a fazer mas a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas não se revê nos documentos finais”.

Mas os problemas de um contexto económico e fiscal sempre em mudança de regras não se refletem apenas nos profissionais do setor. Se, neste momento, Portugal não se afigura como um país particularmente apetecível ao investimento estrangeiro, tal pode ser explicado pelo facto de, se-

gundo Luís Pinheiro Torres, “não haver nada pior para o investidor do que a instabilidade e imprevisibilidade”, sendo que “ele não percebe esta volatilidade legislativa”. A título exemplificativo, o nosso interlocutor cita “a reforma de IRC que foi feita há dois anos e que já está a ser posta em causa neste novo Orçamento do Estado”.

Efetivamente, “o enquadramento fiscal de Portugal não transmite confiança e é disso que todo os investidores, nomeadamente os estrangeiros, precisam”, acrescenta Manuel Pires de Matos. É precisamente numa tentativa de reverter esta mesma situação que sugere a adoção de “uma regra constitucional que obrigasse a uma estabilidade no quadro fiscal de pelo menos dez anos”. Isto porque “qualquer reforma que um governo faça hoje será desfeita pelo que vier amanhã”. Mas, a este, acrescenta-se um outro problema: “há ainda o facto de os tribunais não tomarem decisões em tempo útil”, naquela que Manuel Pires de Matos descreve como “uma das maiores fragilidades nacionais”.

Adicionalmente, a necessidade de agilizar o financiamento das PME’s é

Manuel Pires de Matos e Luís Pinheiro Torres, audit partners da Baker Tilly Portugal, falam da sua integração nesta multinacional de auditoria e consultoria, denunciando o clima de instabilidade económico-fiscal que se vive no país.

também referido como sendo fundamental para o relançamento do investimento e da economia. Também nesta questão os auditores em geral e a Baker Tilly em particular têm um papel fundamental já que a credibilização da informação financeira permite uma melhor perceção do risco pelas instituições financeiras permitindo a redução do custo dos financiamentos.

Contra a concentração de mercado

Uma das grandes questões que o setor da auditoria tem vindo a sentir a nível internacional prende-se com a excessiva concentração de mercado, naquela que é uma das principais preocupações já reconhecidas pela própria União Europeia.

É nesse âmbito que os nossos interlocutores concordam com os esforços internacionais para que “o mercado da auditoria seja menos concentrado”. Ou seja, “em vez de serem sempre as mesmas quatro grandes empresas de auditoria os empresários terem mais alternativas com os mesmos níveis de qualidade de serviço. A Baker Tilly está totalmente focada nesta missão e já é reconhecida pela União Europeia como uma das “big eight” empresas internacionais de auditoria”, conclui o nosso interlocutor.

A perspetiva do empresário

Enquanto sócios da Baker Tilly, Manuel Pires de Matos e Luís Pinheiro Torres asseguram que “os procedimentos de trabalho e os padrões de qualidade são rigorosamente idênticos” em todos os escritórios e países onde atua. Englobando uma carteira de clientes que conta já com um número assinalável de empresas de média e grande dimensão do norte do país, Manuel Pires de Matos considera que, para além de aspetos como a independência e o rigor, os empresários de hoje em dia valorizam que agentes como os da Baker Tilly “estejam lá não apenas para auditar contas, mas para acompanhá-los e apoiá-los na evolução sustentada dos seus negócios”.

Até porque, hoje, “a debilidade do mercado interno é grande e não há perspetivas desta situação, a curto prazo, se vir a alterar”, prossegue o auditor. Nesse âmbito, estes especialistas têm verificado que o empresário português tem assumido uma postura proativa de “ir, como há 500 anos, à procura do mundo”, procurando posicionar-se cada vez mais em novos mercados emergentes, como por exemplo o Irão e as antigas repúblicas soviéticas”, conclui.

